

IMAGEM E MEMÓRIA: DESVENDANDO UMA CIDADE A PARTIR DE SEUS FRAGMENTOS

Olavo Ramalho Marques¹



Rafael Devos, 1998

“As cidades não envelhecem – transformam-se.”²
(Achylles Porto Alegre)

"A tendência natural das cidades, ao contrário do ser humano, é tornarem-se cada vez mais juvenis, é que elas descobriram o elixir da vida eterna: o progresso.(...) Porto Alegre, com seus dois séculos de existência efetiva, tem muita coisa a contar e terá muito mais a dizer, ainda no futuro."

("Porto Alegre: a fonte da eterna juventude", *Revista do Globo*, 1967)

Introdução

Achylles Porto Alegre, antigo cronista que destinou grande parte de sua produção à descrição do cotidiano da cidade de Porto Alegre, nos revela, nesta única e direta frase, uma realidade que hoje consiste num aspecto central da vida na metrópole: a sua constante reconstrução e reconfiguração, tanto em relação à sua porção material quanto no que diz respeito aos significados a ela atrelados por aqueles que vivem a cidade, seus habitantes.

¹ Agradeço ao apoio do CNPq que me cedeu bolsa de Iniciação Científica durante o período de realização desta pesquisa, através do projeto PIBIC/CNPq.

² Todas as imagens, relatos de cronistas e depoimentos contidos neste artigo pertencem ao acervo de coleções etnográficas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, situado na sala 108 do prédio do ILEA/UFRGS.

A matéria publicada na Revista do Globo, em 1967, mostra também que o segredo da eterna juventude das cidades é o progresso; e como se dá o progresso da cidade senão a partir da reconstrução permanente do espaço urbano?

A sociedade ocidental contemporânea apresenta como uma de suas características essenciais a vida urbana, e ressaltamos em particular o enorme crescimento da população que habita os grandes centros; hoje em dia vivemos também um alargamento gigantesco na produção e no consumo, bem como uma explosão tecnológica nos meios de transporte e de comunicação. Hoje vivemos numa sociedade fragmentada, difusa e heterogênea quanto ao seu aspecto cultural, uma vez que no contexto urbano convive uma enorme pluralidade de tipos sociais, de padrões de comportamento e estilos de vida: as cidades, especialmente as metrópoles, são centros que congregam uma enorme diversidade cultural.

Somente estas características gerais - aqui traçadas no sentido de ressaltar algumas das transformações sociais que vivemos nos últimos tempos - agem de maneira determinante modificando significativamente as formas de organização social, cultural, espacial e estética das cidades. Agem, em suma, promovendo mudanças profundas na própria essência da cidade e da vida urbana, nas lógicas de percepção e ocupação do seu espaço.

Acreditamos que uma cidade não consiste apenas em sua porção física e em seus referentes materiais, mas que é constituída sobretudo pelas pessoas que a habitam, e todo o universo de afetividades, significados e visões de mundo envolvidos no desenrolar de suas vidas cotidianas.



Studio 'os 2', década de 1940



W. Hoffmann Harnisch Filho, déc. 1940



Olavo Ramalho Marques, 2001

Partimos do pressuposto de que não existe cidade se não existe comunidade, e não existe comunidade se não existe cultura. E a cultura é o objeto primordial da investigação antropológica.³

Foram os autores da chamada Escola de Chicago (O. G. VELHO, 1973), que primeiro passaram a interrogar-se sobre as conformações sociais e culturais em meio aos grandes centros urbanos, durante as primeiras décadas do séc. XX. A partir destes autores passa-se a questionar a concepção clássica do objeto antropológico, ou seja, as ditas sociedades “primitivas” e “selvagens”; ressaltamos que para estudá-las, o etnógrafo era obrigado a isolar-se do convívio com as sociedades “civilizadas” e mergulhar numa experiência de estranhamento em relação à sociedade que estudava, cujos hábitos culturais eram essencialmente diferentes daqueles de sua própria cultura de origem. Desde então, pesquisar nos grandes centros urbano-industriais constitui-se como tarefa que faz parte do trabalho do antropólogo, uma vez que também as sociedades contemporâneas podem ser estudadas através de uma perspectiva antropológica (G. VELHO, 1978).

Gilberto Velho (1999) afirma que vivemos numa sociedade marcada sobretudo pela coexistência de uma pluralidade de tradições decorrentes de diversas bases, sejam elas ocupacionais, étnicas, religiosas e etc. Os habitantes das grandes metrópoles encontram-se distribuídos em múltiplas redes de relações, na forma de grupos que compartilham certos

³ O homem é um animal coletivo que se caracteriza, sobretudo, por poder representar mentalmente aquilo que vê, sente e vive; ele compartilha com outros homens significados e representações acerca daquilo que conhece. A cultura, em termos gerais, consiste num código comum, num modo de pensar, classificar e agir sobre o mundo, numa receita que permite comunicação e convívio coletivo. É assim que podemos concluir que todo o homem tem cultura, uma vez que ela constitutiva da própria espécie humana. Sobre isso ver D. Cuhe (1997), R. Da Matta (1999) e C. Geertz (1997).

valores, sentidos e significados, visões de mundo e concepções simbólicas; e estas redes se sobrepõem, se cruzam e se interpenetram, de sorte que em geral suas fronteiras são tênues e bastante flexíveis.

Certamente toda esta diversidade cultural, presente no cenário da metrópole, propicia inúmeras maneiras de apropriação, relação e afeição com seus espaços. Conforme nos diz Linch (1974: 9), as imagens que os habitantes de uma cidade carregam consigo sobre seus lugares e territórios são fortemente embebidas de recordações e significados de suas experiências ali vividas; neste sentido, nos remetemos aqui ao conhecimento da cidade não so enquanto obra individual, pois cada indivíduo vivência experiências únicas, mas coletiva na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações. Esta multiplicidade de sentidos que uma mesma cidade contém para os seus moradores está ligada sobretudo ao que G. Bachelard (1993:19) denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação enquanto vetor a partir da qual todo homem conhece o mundo em que habita. Segundo afirma este autor “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação”.

É assim, através da perspectiva antropológica da compreensão do espaço enquanto espaço vivido, que acreditamos que existem incontáveis perspectivas através das quais se conhece uma cidade, uma vez que as pessoas, em seus trajetos, percursos e vivências cotidianas, acabam por relacionar-se afetivamente a certos espaços urbanos, desenvolvendo um conhecimento próprio e *sui-generis* sobre eles; e isso significa que um mesmo espaço pode ser interpretado de diferentes maneiras por grupos que usufruem dele.

Para o caso deste trabalho sobre Porto Alegre, estas representações mentais que os habitantes da cidade produzem são formadoras de “regiões morais” e “províncias de significados”(PARK, 1973 e SCHULZ, 1972), ou seja, de espaços caracterizados pelos usos que comportam, pelos tipos sociais que os frequentam, pelas práticas nele desenvolvidas.

Conforme pontuam C. ECKERT e A. ROCHA (2001: 4), “não se pode esquecer aqui que toda obra humana remete a uma produção simbólica, sendo os territórios de sociabilidade de uma cidade nichos de sentidos produzidos por uma comunidade”. Sendo assim

podemos afirmar que “o deslocamento dos grupos/indivíduos entre as ‘províncias’ e ‘territórios’ de significação é uma das questões cruciais para se compreender o fenômeno da memória coletiva e, por consequência, da estética urbana das modernas sociedades urbano-industriais” (C. ECKERT e A. ROCHA, 2001: 4).

Em relação às transformações no tecido urbano de uma grande metrópole, podemos argumentar que elas, inúmeras vezes, expressam não apenas mudanças de épocas, mas igualmente alterações de estilos de vida e visões de mundo entre os seus habitantes, das quais resultam renovações profundas na sua trama social. Logo, podemos perceber que as renovações no cenário urbano de uma cidade como Porto Alegre também são processos que organizam acontecimentos em “sistemas de instantes” (ECKERT e ROCHA, 2000).

Adotando esta perspectiva, percebemos que a memória desempenha um papel essencial na compreensão das lógicas de apropriação dos espaços urbanos na contemporaneidade, na medida em que ela organiza o cotidiano e arranja o tempo, tornando-o contínuo - algo que, em si mesmo, é fragmentado e descontínuo, marcado por cortes e rupturas.

A memória que os grupos urbanos detém acerca dos seus territórios de vida é, então, como que uma luta contra a ação corrosiva do tempo nas modernas sociedades contemporâneas, já que é a memória que mantém vivos os espaços imaginados e os espaços anteriormente vividos pelos habitantes dos grandes centros urbanos; é ela que orienta a nossa vivência cotidiana e a própria vida da cidade, dado que “nosso passado inteiro vela atrás de nosso presente” (BACHELARD, 1988).

No mesmo sentido, nos remetemos aos escritos de Italo CALVINO (1990: 38) que, tratando de Zaíra, uma de suas cidades fictícias, nos permite refletir profundamente sobre as nossas próprias organizações urbanas concretas. Para o autor, a cidade “se embebe como uma esponja desta onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”

Portanto, a cidade moderna se desloca no tempo, se renova e se re-estrutura continuamente. Quando dizemos continuamente não queremos dizer linearmente, pois muitas vezes as transformações implicam em cortes e rupturas profundas com



Autor desconhecido, 1913



Olavo Ramalho Marques, 2002

certos usos do espaço, bem como com práticas e valores que abarcam; a linearidade significa que existe uma certa unidade nas discontinuidades sucessivas provocadas pelas modificações no tecido urbano, sejam elas pequenas reformas ou grandes empreendimentos. Trata-se de um ritmo, de um movimento incessante, de um pulsar que é próprio das modernas sociedades complexas, e, desse modo, próprio da vida cotidiana dos habitantes de uma grande metrópole.

Porto Alegre e as transformações urbanas: o porquê do resgate da memória

A partir destes comentários iniciais podemos, então, apresentar o que viemos estudando para o caso da cidade de Porto Alegre atualmente, observando-se, por exemplo, as recentes transformações no traçado da cidade com a construção da 3º Perimetral. Consideramos que esta grande obra viária é, como muitas outras anteriores, na memória da comunidade urbana porto-alegrense, o fruto de um processo permanente de reconstrução das formas sociais de vida urbana presentes na sociedade brasileira. Ou seja, situa-se na mesma linha das obras que resultaram na canalização do Arroio Dilúvio, na construção da ponte para travessia do Rio Guaíba,

na morte da Ilhota, com o Projeto Renascença, na retirada dos bondes, na construção dos corredores de ônibus e a abertura das outras duas perimetrais, acompanhados do processo de verticalização da cidade a partir do desenho de novos prédios, etc. Todos estes exemplos nos “contam” de renovações da paisagem porto-alegrense que conduziram a uma modernização da cidade e das formas de organização da vida social nos seus territórios.

Como já afirmamos anteriormente, através de uma perspectiva antropológica devemos pensar a paisagem urbana através do olhar dos grupos e indivíduos que nela habitam, ou seja, a partir de suas formas de viver a cidade. Ao afirmarmos que uma cidade pode ser traduzida como fenômeno em constante mutação, fruto dos gestos a



ações acumuladas por seus habitantes ao longo de um tempo, estamos sustentando que a cidade resulta, da forma como diferentes sistemas de representações e significados se entrelaçam para dar lugar a uma cultura urbana que está em constante transformação. Por estas razões, uma mesma cidade pode ser conhecida das mais diversas maneiras dependendo do ponto de vista daquele que a olha, do lugar que o observador ocupa no seu tecido social, das praticas sociais que realiza em seus territórios. E também o habitante da cidade possui suas impressões sobre os processos de transformação do espaço urbano, e muitas vezes as expressas, de variadas maneiras. É o que nos mostram, por exemplo, relatos feitos por habitantes da cidade em diversas épocas, como os transcritos abaixo – todos pertencentes ao acervo de imagens textuais do Banco de Imagens e Efeitos Visuais:

Em 1752, um grupo de casais açorianos fundava as margens do Guaíba a que seria depois a capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e do Estado do mesmo nome, geograficamente conhecida por cidade de Porto alegre.

Ela foi se firmando, mas sem as pretensões de se tornar uma grande metrópole. (...)

(C.G. Krebs, "A chama de Caiboaté", Revista do Globo, 1957)

Mesmo assim, o progresso amadureceu-a. Algumas largas avenidas que foram abertas destemidamente conseguiram dinamizá-la. E hoje, com 214 anos, 503.000 habitantes, tendo problemas como muitas outras grandes capitais, ela é a terceira em importância e a quinta em população do Brasil.

O antigo Porto dos Casais, dos fundadores açorianos, é hoje uma cidade moderna que ostenta orgulhosa, seu progresso na silhueta dos arranha-céus(...) O vão móvel da Ponte Rio Guaíba é um dos orgulhos da engenharia brasileira(...) Há os que dizem que Porto Alegre imita Nova Iorque fazendo uma Manhattan em miniatura

(Anônimo, "É Domingo em Porto Alegre", Revista do Globo, 1966)

Porto Alegre, bela cidade de um milhão de habitantes, plantada às margens do Guaíba, é a capital e o símbolo de um estado em renovação permanente, onde o culto às tradições se alia às conquistas do progresso

(Ari da Veiga Sanhudo, Porto Alegre, crônicas de minha cidade, 1979)

Que eram estas ruas há pouco mais de trinta annos? Algumas – eram mattaria. Outras, as que são a belleza e a alegria da cidade, intransitáveis ao máo tempo e verdadeiras tepéras à noite. A illuminação, nas principaes, era feita de lampeões de azeite – quando não havia luar.

(...) Não vi mais vestígio do chafariz à margem do Riachinho, alegrando aquele logar. Sem piedade o destruíram, como uma coisa inútil...

(Achylls Porto Alegre, História Popular de porto Alegre, 1911)



Atelier Calegari, década de 1910



Olavo Ramalho Marques, 2000

Segundo a abordagem antropológica que seguimos aqui, a cidade manifesta uma pluralidade de vozes, o que significa dizer que podemos privilegiar os seus mais variados elementos culturais para compreender a diversidade de discursos sobre este espaço, segundo os diferentes grupos urbanos que ela abriga. Esta é a perspectiva que move o projeto de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais: a criação de um museu virtual, coordenado pela Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, pertencente ao projeto integrado “Estudo de Itinerários Urbanos, Memória Coletiva e Formas de Sociabilidade no Meio Urbano Contemporâneo”, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Cornelia Eckert., ambas pertencentes ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Um projeto que conta, desde 1998, com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e a FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul) através de auxílio financeiro à pesquisa e bolsas, e onde nos situamos como bolsistas de Iniciação Científica⁴.

O Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV, situado na sala 108 do prédio do ILEA/UFRGS, no Campus do Vale, consiste num projeto que reúne acervo de coleções etnográficas antigas e recentes tendo como tema o mundo urbano contemporâneo sob a ótica do estudo das memoriais coletivas que subjazem as formas de sociabilidade e os itinerários dos grupos urbanos em Porto Alegre.

Através de pesquisa com as novas tecnologias eletrônicas e digitais, o BIEV desenvolveu um programa de gerenciamento de dados etnográficos oriundos de suportes diversos (fotografias, sons, textos e filmes, antigos e recentes) que, reunidos num mesmo ambiente de consulta, procura revelar olhares e perspectivas sobre o teatro da vida urbana porto-alegrense ao longo do tempo. Acreditamos que a pesquisa antropológica em torno de um banco de conhecimento versando sobre o patrimônio etnológico no mundo urbano contemporâneo consiste numa abordagem compreensiva das modernas sociedades

⁴ Além dos autores do artigo, cerca de seis bolsistas, entre CNPq, FAPERGS e voluntários, compõem a equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais.

complexas, na medida em que é fruto de um recorte sobre um determinado espaço, efetuado segundo intervalos de tempo - conforme os pontos de vistas de seus habitantes. Tomemos, como exemplo, as memoriais relatadas por Edgar, entrevistado por ocasião de uma pesquisa realizada com antigos taxistas:

Eu conheci o centro no tempo dos carroções, geralmente puxados por três burros, e a carroça bem baixa, com duas rodas, uns enorme duns rodão, ficava quase parelho ao meio fio, para facilitar pegar carga pesada.

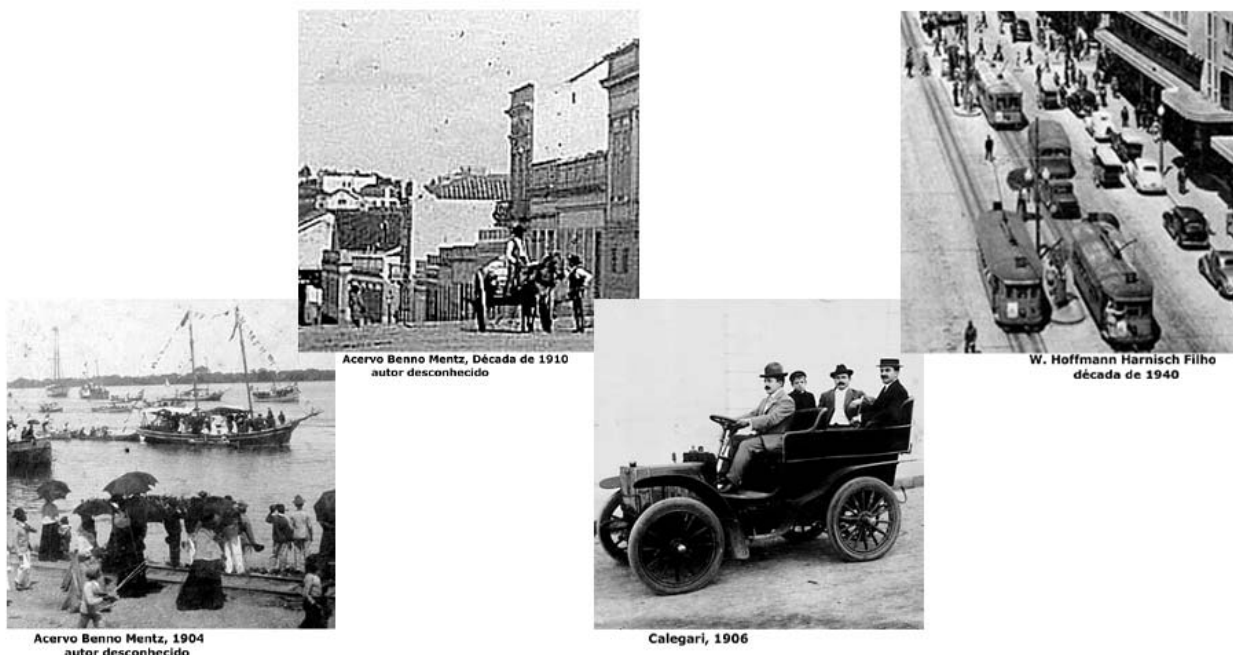


"Porto Alegre Biografia duma Cidade"
Década de 1910

O riacho vinha pelo Partenon, e ficava entre o Partenon e Petrópolis. Era muito tortuoso, ali onde está o a PUC e o hospital da PUC era tudo banhado. Quando mocinho, a gente ia fazer uns passeios ali no Champagná, e a gente passava o dia jogando futebol e ia tomar banho mais ou menos onde está a PUC, e o rio passava nos fundos da onde hoje está o hospital de clínicas.

...começa a ficar meio velho o pessoal já derruba. Quando falaram que iam demolir aquele prédio ali na Esquina da Conceição, ali no viaduto, por causa de estar muito perto do viaduto, estar muito feio, me deu uma pena. Pára um pouquinho e olha, que coisa linda aquele prédio! Outro prédio que me encanta é aquele onde era a confeitaria Rocco. Eu lembro quando menino que aquilo era um ponto de encontro da elite. As senhoras e os senhores iam lá de tarde, tomar seu chazinho, comer doce... e os doces da confeitaria Rocco eram famosos em todo o Rio Grande do Sul. E agora está lá atirado aquele prédio, nem sei se não vão acabar demolindo aquilo, o que é uma lástima.

Edgar, antigo taxista



O banco de dados digitais (BIEV-data) visa, portanto, reunir coleções etnográficas diversas que tratam das formas distintas do “viver a cidade” de indivíduos e/ou grupos sociais, considerando a cidade de Porto Alegre em suas múltiplas dimensões. Acreditamos, portanto, que toda e qualquer imagem, antiga ou recente, fotográfica, ideográfica, textual ou sonora, pode ser elevada ao status de um documento etnográfico na medida em que ela expressa elementos culturais, tanto ao remontar a superfície das formas de vida social, quanto por revelar os pontos de vistas de seus autores, suas motivações e seus olhares sobre a cidade. O BIEV-DATA compõe-se de conjuntos documentais, reunidos na modalidade de coleções etnográficas e disponibilizados aos interessados no tema da memória coletiva e do patrimônio etnológico porto-alegrense.

Através das imagens diversas que fazem parte do acervo documental do BIEV podemos, assim, não apenas contar histórias despertando segredos e esquecimentos guardados na memória da comunidade urbana porto-alegrense, mas, sobretudo, podemos lembrar as memórias daqueles que nela viveram suas vidas.

É assim que procuramos reunir imagens através das quais os usuários do BIEV-data, na condição de habitantes locais, podem conhecer e reconhecer a cidade onde moram uma vez que adotamos, no sistema de navegação de sua base de dados, a idéia do fragmento como unidade de significação mínima introdutória dos jogos da memória.

(ROCHA e ECKERT, 2002). Não só os habitantes da cidade podem reconhecer e percorrer a cidade onde vivem ou viveram, mas também aqueles que não a conhecem podem ter nos fragmentos reunidos no BIEV, em forma de narrativas, uma maneira de desvendar a cidade de Porto Alegre.

Sabemos que nas sociedades contemporâneas quase todas as dimensões da vida social encontram-se fundamentalmente alteradas pelo desencaixe entre o eixo espaço-tempo promovido pela disseminação dos tempos modernos. Segundo apontam ROCHA e ECKERT (2002: 38), “a técnica do registro documental de fatos, eventos, acontecimentos sociais por meios cada vez mais sofisticados (fotografia, cinema, vídeo, as novas tecnologias da informática) têm revelado ao homem moderno a sua capacidade de desvendar mundos sensíveis que antes não eram percebidos...”.



Ateliê Calegari,
déc. de 1910



Flávio Damm, 1948



"Porto Alegre Biografia Duma cidade
Clube dos Ciclistas, déc. de 1910



Revista do Globo, 02.09.1960



"Porto Alegre, Biografia Duma
Cidade", déc. de 1910

As novas tecnologias eletrônicas e digitais são a expressão destas novas formas de comunicação entre culturas, sendo, justamente por esta razão, um suporte da memória nos permite explorar, no tratamento do patrimônio etnológico das sociedades contemporâneas, esta passagem do tempo uma vez que por delas, e através da exploração da tela-janela do computador, podemos operar com as descontinuidades sucessivas que conformam tal passagem em relação ao espaço de uma cidade, enquanto objeto temporal.

Desta forma, com o Banco de Imagens e Efeitos Visuais, na sua feição de base de dados etnográficos pretendemos, através da manipulação virtual de imagens-fragmentos antigos e recentes da paisagem urbana de Porto Alegre, reunir num mesmo espaço de convergência as histórias dos grupos humanos que viveram os lugares da cidade; agimos, desse modo, no sentido de restaurar, no contexto do teatro da vida cotidiana porto-alegrense, “um olhar humano sobre o mundo” (ECKERT e ROCHA). Nesta linha temática, consideramos que o avanço das novas tecnologias eletrônicas e digitais permitem uma redefinição do estatuto da representação museal, com conseqüências importantes para a criação de novas formas de tratamento de conjuntos documentais. Os conjuntos documentais apresentados na tela dinâmica de um computador, de modo diferente da tela estática da pintura renascentista ou da sinergia da tela do cinema, convidam o observador a uma observação que não é meramente contemplativa, provocam uma atitude mais interativa, possibilitando ao usuário formas muito mais ativas de exploração das informações. Desse modo, esta interatividade permite uma maior mobilidade nos caminhos percorridos pelo observador, associando-os aos jogos da memória. Hoje em dia, as novas formas de comunicação, via recursos digitais e redes de comunicação (digitais e eletrônicas), transformam-se em meios de conhecer o mundo e refletir sobre ele.

A partir deste raciocínio, o BIEV pretende constituir-se enquanto um universo de lembranças e reminiscências dentro do qual o usuário percorre os seus próprios caminhos na descoberta do tempo passado.

Estes trajetos no mundo virtual de imagens, explorando as suas discontinuidades temporais, “propõem usos, manuseios e intervenções por parte do espectador como aspecto central do tratamento de coleções museais, atribuindo-lhes um lugar de autoria de trajetos e percursos, e não mais uma visão periférica da tela/enquadre.” (ECKERT e ROCHA). O usuário do BIEV-data não é mero observador contemplativo da cidade onde mora, mas circula e escolhe trajetos em meio a uma coleção de documentos, que são etnográficos na medida em que desvelam visões e histórias sobre um espaço vivido.

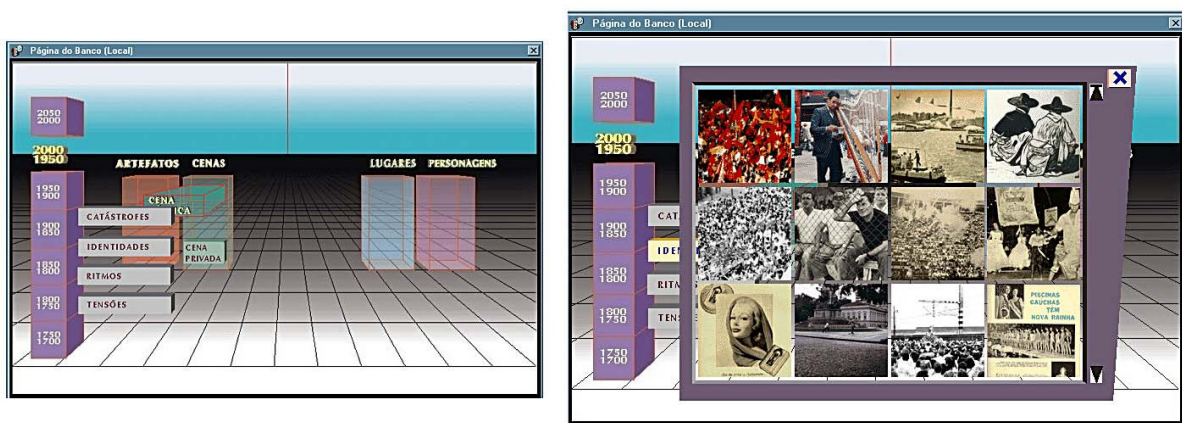
Feitas estas considerações podemos expor com mais detalhes a forma de apresentação dos dados contidos no BIEV-data. Inicialmente, é necessário reafirmar que o projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) constitui-se num acervo de imagens digitais organizado através de um enfoque antropológico que privilegia as diversas manifestações da cultura urbana porto-alegrense.

Este acervo encontra-se disponível através de duas versões:

O BIEV-data está situado num posto fixo de consulta, na sala 108 do prédio do ILEA, e, através de um *software*, apresenta os conjuntos documentais sobre o patrimônio etnológico porto-alegrense, reunidos segundo seus diversos suportes, a partir do cruzamento de documentos em diferentes linguagens, com vistas a construir narrativas etnográficas sobre a vida na cidade. Esta forma de apresentação adotada para a base de dados esta mais voltado para pesquisadores.



Quanto à segunda versão, trata-se do que nominamos BIEV-site; um site na WEB cujo endereço é www.estacaoportoalegre.ufrgs.br, que reagrupa o mesmo conjunto de documentos adaptando-o às formas de consulta na Internet, através de um sistema de gerenciamento mais simples. A coleção de imagens etnográficas é apresentada na forma de mosaicos, sendo mais adaptado para um público mais amplo.



O BIEV-data tem como sua característica mais marcante o fato de centrar todos os outros conjuntos documentais (vídeos, filmes, sons, textos) em torno da apresentação de imagens congeladas, estáticas (fotografias, mapas, desenhos, gravuras e etc.). Cada documento deste último tipo é cadastrado no interior de um sistema de registro contendo as seguintes informações essenciais: o autor, o título, o ano, a fonte, a data do seu registro na base de dados, o lugar da cidade que retrata bem como uma pequena descrição sobre o documento. O cadastro destas imagens estáticas obedece, além disto, à lógica da sua inclusão numa base de dados a partir da sua indexação dentro de uma categoria, para a qual associam-se palavras-chaves variadas como forma de resgate de suas informações. Ou seja, no BIEV-data, além dos dados mais descritivos do documento em questão, estes são cadastrados em categorias – uma lista de cerca de 25 conceitos-chave, selecionados através de uma orientação teórica da antropologia, dos quais escolhemos um em que o documento

mais se encaixa - e palavras-chaves – uma lista com muitas palavras e conceitos que servem como sub-categorias, mais específicas e restritas do que as categorias.

Neste processo de montagem do sistema de gerenciamento do BIEV-data, a centralidade na imagem estática foi, por assim dizer, uma escolha conceitual que orientou a estruturação do acervo. Nestes sentido, todo documento estático é cadastrado no sistema de indexação, enquanto os outros tipos de imagem servem de complemento a ele, isto, é, os outros tipos de documentos (vídeos, sons e textos) estão disponíveis, dentro do Biev-data, sob forma de listas contendo centenas de documentos, entre os quais, ao cadastrar, devemos escolher um ou dois que sejam mais adequados para serem associados ao documento estático em questão. O objetivo deste cruzamento de diversos tipos de imagem é possibilitar por parte do usuários certos arranjos diversificados de narrativas etnográficas que lhe possibilitem produzir reflexões sobre aspectos de uma cidade em transformação.

Quanto ao BIEV-site, os mesmos dados etnográficos sobre o patrimônio etnológico da cidade de Porto Alegre encontram-se reagrupados em outro arranjo visando a criação de um sistema de consulta menos complexo, baseado no agrupamento da cultura urbana local por cenas, personagens, lugares e artefatos. Esta parte do trabalho de re- classificação dos dados etnográficos, orientado segundo a arquitetura do site e seus sistema de navegação, consistiu na produção de um novo processo de tratamento conceitual da imagem cadastrada, não só diretamente ligado às interpretações do pesquisador que realiza a operação de cadastro, mas associado a adaptação do material para sua exposição na Internet.

Em ambos os processos de criação - do sistema de navegação às telas de cadastro e consultas do BIEV-data e do BIEV-site-, o trabalho no Banco de Imagens e Efeitos Visuais orientou-se para a pesquisa, pois se a produção de uma imagem decorre de escolhas e motivações de seu autor tendo em vista sua época, suas motivações, etc., o cadastro e a indexação desta mesma imagem, assim como a sua leitura, suscitam diferentes interpretações referidas, todas elas, ao circuito onde esta imagem esta inserida.

E o trabalho de cadastro exige do pesquisador uma compreensão do documento levando em conta as dimensões a ele atreladas na época em que foi produzido. Não podemos, assim, olhar um documento apenas a partir de nosso ponto de vista e taxá-lo de acordo com os nossos valores; devemos sim buscar compreender, através do exercício da pesquisa, os significados atrelados a ele quando da sua produção.

Considerações finais:

Sabemos que o objeto de estudo, por excelência, da Antropologia são as teias de significado que conformam as culturas humanas, e que a tarefa do antropólogo é interpreta-las segundo um processo de descrição densa da realidade social (GEERTZ, 1997). A partir disso, podemos afirmar que as coleções etnográficas, reunidas no Banco de Imagens e Efeitos Visuais, narram as memórias da comunidade urbana porto-alegrense no sentido do registros de seus vestígios e lembranças. Logo, consideramos que a criação de um “museu virtual”, no corpo do projeto aqui proposto, situa tais conjuntos de documentos sobre Porto Alegre - sonoros e visuais, antigos e recentes - no plano da etnografia das formações culturais presentes ao patrimônio local.

Uma das razões para este estatuto etnográfico dos documentos acervados junto à base de dados do Banco de Efeitos Visuais vem do fato de que eles são derivados dos trabalhos de campo realizados por sua equipe de pesquisadores, os quais compartilham entre si o tema da memória coletiva, dos itinerários urbanos e as formas de sociabilidade em Porto Alegre, além do uso dos recursos áudio e visuais como parte do processo de coleta de dados. A base de dados tanto do BIEV-data quanto do BIEV-site deriva-se da convergência destes múltiplos olhares que se cruzam sobre a vida urbana porto-alegrense.

É por isso que as pesquisas produzidas no âmbito do Banco de Imagens e Efeitos Visuais não visam repertoriar temáticas historiografia específicas e pontuais; não contemplamos nas suas telas de consulta documentos cadastrados através de uma sequência linear ou de maneira isolada. Como dito, cruzamos imagens e linguagens para produzir narrativas interativas.

Com isto o BIEV torna-se um banco de conhecimento, que funciona como um rico

campo de pesquisa não somente para antropólogos, mas também para historiadores, jornalistas, geógrafos, arquitetos, cenógrafos, leigos e curiosos que esteja interessado em conhecer fragmentos de uma cidade e de seus tempos sociais, através do contato com saberes e fazeres cotidianos construídos por seus habitantes nas mais diversas épocas.

Construindo o BIEV, nós atuamos, pesquisadores seniores e bolsistas, como “guardiões da memória”, sendo o acervo de nosso trabalho de pesquisa antropológica no mundo urbano contemporâneo- em particular na cidade de Porto Alegre - um depósito de incontáveis visões e perspectivas sobre a cidade que herdamos. O objetivo do BIEV, investindo no trabalho sobre memória, não é, portanto, construir uma memória coletiva única e uma identidade urbana do porto-alegrense, mas sim servir como o reservatório plural de uma infinidade de imagens (sonoras, visuais, textuais, videográficas e fílmicas) que nos permitam narrar, hoje, esta cidade a partir dos lugares, fatos, situações, acontecimentos, vividos no tempo passado por seus herdeiros urbanos, na tentativa de se resistir à ação corrosiva do tempo.

REFERÊNCIAS:

- BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*; São Paulo: Martins Fontes, 1993. CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*; São Paulo: Companhia das Letras, 1990. CUCHE, Denis: *A noção de cultura nas ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução a Antropologia Social*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. DAMATTA, Roberto. *O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. In Nunes: *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 24-35. DUARTE, L. F. D. “A construção da Pessoa Moderna”. In *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ CNPq, 1986. DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*; São Paulo: Edições Paulinas, 1989. ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 15. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000. 20f. ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo A cidade, o tempo e a experiência de um museu virtual: pesquisa antropocronotopológica nas novas tecnologias*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 6. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000. 24f. GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*; Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. LINCH, Kevin. *La Imagen de la Ciudad*; Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1974. OLIVEIRA, Clóvis S. *Porto Alegre e sua Formação*; Porto Alegre: Metrópoles, 1993. ORTIZ, Renato; *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1987. PARK, Robert Ezra; *A Cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano*; In VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*; Rio de

- Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- POLO, Alejandro Zaera. *Order Out of Chaos: The Material Organization of Advanced Capitalism*; In *Architectural Design*, vol. 64 nº 3/4, março-abril, 1994, págs.24/29.
- RABELO, M; ALVES, P. C. *Corpo, experiência e cultura* (versão preliminar) Trabalho apresentado no grupo de trabalho “Natureza e Cultura: uma fronteira em discussão”, XXV Encontro Anual da ANPOCS (outubro/2001).
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Imagens do Tempo nos Meandros da Memória: Por Uma Etnografia da Duração*. In: KOURI, Mauro G. P. (Org.). *Imagem e Memória: Estudos em Antropologia Visual*; Rio de Janeiro: Geramond, 2000.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos e VOGEL, Arno (coord.). *Quando A Rua Vira Casa: A Apropriação dos Espaços em um Centro de Bairro*; Convênio IBAM/FINEP. 2ª ed. revisada e atualizada. Rio de Janeiro, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1999.
- VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*; In NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica; objetividade, paixão e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*; Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.